DENOMINAÇÕES PARA PARIR NO INTERIOR DA BAHIA: UMA ANÁLISE DA QUESTÃO 124 DO QSL/ALiB

Adriana Maria de Jesus Sousa (UFBA)
drillevi@hotmail.com
Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA)
suzalice@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho apresenta um breve estudo semântico-lexical que focaliza as respostas dadas à questão 124 do questionário semântico-lexical do projeto *Atlas Linguístico do Brasil*, nas localidades do interior da Bahia, a partir de uma abordagem qualiquantitativa, no tocante à área semântica ciclo da vida, identificando os diferentes recursos lexicais que os falantes utilizaram para referir-se a *dar à luz*. O estudo pretende perceber as coincidências e divergências lexicais entre as cidades do interior da Bahia, bem como identificar as influências indígenas e africanas na língua oral dos falantes, reveladas através dos seus repertórios linguísticos, a partir da averiguação dos dados do Projeto ALiB, motivados pela hipótese de que os indivíduos recorrem às situações ligadas à cultura e história da língua da sua localidade, utilizando diferentes formas lexicais para referir-se à determinada lexia. A análise será feita a partir da comparação entre o repertório linguístico utilizado pelos informantes, a fim de apresentar as especificidades e generalidades encontradas nas localidades pesquisadas. Visto que o estudo do léxico regional pode evidenciar características particulares do vocabulário que refletem aspectos da história da língua (CARDOSO, 2012), dentro de uma abordagem lexical, buscar-se-á determinar as variantes usadas pelos falantes do interior da Bahia. Os dados serão examinados sob a perspectiva diatópica, com base na área semântica escolhida, orientada pelos pressupostos da dialetologia, sob o método da geolinguística pluridimensional contemporânea. Entendendo, assim, que "a dialetologia é um ramo de estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica" (CARDOSO, 2010). E que devido a essa variedade linguística, temos a possibilidade de novos dialetos ou um falar próprio de uma região.

Palavras-chave: ALiB. Léxico. Dialetologia.

1. Considerações iniciais

É consensual o entendimento de que a língua de um povo se constitui como uma de suas referências identitárias, pois esta reflete a cultura dos falantes como um produto cultural, uma instituição social. A língua é dinâmica e sofre transformações a todo tempo, sob a influência de fatores sociais, culturais, regionais, históricos e econômicos. Ao encontro desse

pensamento, Genivaldo da Conceição Oliveira (2014, p. 40) ratifica esta premissa, dizendo que:

> A língua é um organismo dinâmico que se transforma continuamente, e o próprio funcionamento da língua se incumbe em fornecer explicações para estas transformações. Entretanto, essas mudanças não impedem que a língua seja ferramenta de comunicação e de interação social. Essas alterações são provocadas pela influência de fatores de natureza histórica, sociocultural, geográfica, entre outros. O estado natural de uma língua em um espaço geográfico é mutável, isto é, tem um caráter polimórfico e toda essa dinamicidade da língua é evidenciada, sobretudo, no léxico.

Partindo desta perspectiva, e considerando as variantes linguísticas presentes no Brasil, estimuladas, em parte, pela diversidade social e geográfica brasileira, formada por povos e culturas que foram e ainda são acolhidos, deve-se afirmar também que há uma unicidade na forma de utilizar e dar vida aos usos da língua falada no país, já que ela é formada por povos e culturas que foram e ainda são acolhidos. A mistura de fatores inerentes ao cotidiano faz nascer variações como um constructo identitário de um modo de ser e viver de um povo.

A língua acontece na fala de uma pessoa que tem uma idade, um perfil social e se localiza em um determinado lugar. Sendo assim, como produto social e cultural, a língua veicula crenças e ideologias, sobretudo, por meio do léxico. Em face disso, o repertório lexical vai se moldando às características sócio-históricas, políticas, geográficas do meio ambiente físico e cultural de uma dada localidade, gerando, assim, certas especificidades lexicais que singularizam uma região (ISQUERDO, 2003). Dessa forma, o léxico pode revelar aspectos da realidade física e cultural dos informantes.

As mudanças ocorridas no nível lexical de uma língua colaboram para as transformações semânticas em determinados vocábulos, contribuindo, dessa forma, para o enriquecimento do léxico dessa língua.

Partindo dessa premissa, uma das perspectivas da análise do léxico é a sua inter-relação com fenômenos socioculturais, uma vez que esse é o nível da língua que melhor representa a cultura, as crenças, os valores e a história de uma sociedade, de modo que as transformações que se sucedam no âmbito desses aspectos têm repercussão no léxico, justamente pelo seu caráter dinâmico (BENKE, 2012). Dessa forma, imergir no saber social e cultural de uma comunidade de falantes pelo meio da análise do vocabulário, torna-se relevante, pois a tríade língua, cultura e sociedade ajuda a perceber o quanto a língua se molda conforme a sociedade vai

se ajustando, conforme expõe Marcela Moura Torres Paim, (2012, p. 201),

> O campo lexical de uma língua vem se configurado como objeto de estudo de várias áreas da linguística pelo fato de constituir uma das vias principais de que dispõem os sujeitos, enquanto falantes/ouvintes, para expressar o mundo/espaço dito real. Nesse sentido, o nível lexical de uma língua possui papel importante no que se refere à variação e à mudança linguística, podendo-se, dessa forma, encontrar nesse âmbito uma considerável variedade regional e sociocultural da língua portuguesa. Afinal, o vocabulário utilizado por indivíduos de uma área geográfica específica denuncia o ambiente físico e social em que esses falantes estão inseridos.

Ademais, o léxico é via de transmissão de valores históricos. E assim, é possível afirmar que o estudo lexical regional pode evidenciar características particulares do vocabulário que refletem aspectos da história da língua (CARDOSO, 2012). Dessarte, o aporte teórico da lexicologia é de grande valia para o trabalho que ora apresentamos, visto que tem sido uma área em constante crescimento, discutida em relevantes estudos, tais como: Suzana Alice Marcelino Cardoso (2010); Celina Márcia de Souza Abbade (2012); Ana Maria Pinto Pires Oliveira e Aparecida Negri Isquerdo (2001); Aparecida Negri Isquerdo (2003) e Margarida Maria de Paula Basilio (2007), ratificando, desse modo, sua contribuição no âmbito dos estudos linguísticos e, não menos, no trabalho em questão.

2. O Projeto Atlas Linguístico do Brasil

Os princípios teóricos-metodológicos que conduziram o presente estudo foram buscados na lexicologia, na semântica, na dialetologia e na geolinguística pluridimensional, ciências que nortearam e forneceram subsídios para o caminho trilhado pelo Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil).

O Projeto ALiB é coordenado por comitê institucional composto por integrantes ligados a nove universidades brasileiras, cuja coordenadora é a professora doutora Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso, e visa tornar conhecida a realidade linguística do Brasil, revelada pela diversidade de usos e particularidades.

A partir da década de 60, do século XX, começou a se ampliar o conhecimento da realidade linguística do Brasil. Levantamentos de dados empíricos, em áreas rurais e urbanas, deram origem a atlas regionais, entre os quais, temos o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), que foi o primeiro a ser publicado. Podemos citar, também, o *Atlas Linguístico de*

Sergipe (ALS), bem como o *Atlas Linguístico de Sergipe II* (ALS II), entre outros. Além destes atlas que indicam áreas dialetais no Brasil, há também uma série de trabalhos monográficos, especialmente dissertações de mestrado e teses de doutorado, que versam sobre o tema. Todavia, no que tange à subdivisão em seis falares citada por Antenor Nascentes, Jacyra Andrade Mota (2006, p. 329) *apud* OLIVEIRA (2014, p. 37) afirma que "as informações disponíveis são também insuficientes, quer pela ausência de dados sobre diversas regiões, quer pela intercomparação dos dados existentes, recolhidos com diferentes procedimentos metodológicos e com fins distintos".

Em 1996, retoma-se a ideia de construção de um atlas nacional com o surgimento do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, durante o *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado em Salvador, na Universidade Federal da Bahia – UFBA, quando se constituiu um comitê nacional para elaboração do atlas. Este comitê, presidido pela Profa. Dra. Suzana Alice Marcelino Cardoso, da UFBA, conta com a participação de autores de atlas já publicados.

O projeto faz uso de um questionário linguístico para a coleta de dados em uma rede de ponto composta por 259 localidades, tendo como informantes brasileiros naturais dessas localidades de acordo com um perfil previamente estipulado. Quanto à rede de pontos, foram selecionadas, capitais e localidade do interior, definidas de acordo com a proposta inicial de Antenor Nascentes, como aponta Suzana Alice Marcelino Cardoso (2006). No tocante aos informantes, o Comitê de coordenação Nacional do projeto ALiB traçou o perfil a seguir: homens e mulheres de duas faixas etárias (18 a 30 e 50 a 65 anos), escolaridade: ensino fundamental (nas capitais e localidades do interior) e ensino superior (nas capitais), nascidos e criados na localidade pesquisada e de país também provenientes dessa mesma região linguística. São inquiridos 04 informantes em cada localidade do interior e 08 em cada capital, para tratar das dimensões diagenéricas, diastráticas e diageracionais, além da questão diatópica. No que se refere ao questionário, são contempladas as realizações fonético-fonológicas (159 perguntas), prosódicas (11 perguntas), semânticos-lexicais (14 áreas semânticas e 202 perguntas), morfossintáticas (49 perguntas), pragmáticas (04 perguntas) e metalinguísticas (6 perguntas), além de 04 TDS (temas para discursos semidirigidos) e um texto para leitura.

O trabalho ora apresentado, associado ao ALiB, constitui-se especificamente da questão 124 do questionário semântico-lexical, área semântica dos ciclos da vida, dos inquéritos da rede de pontos do Projeto no estado da Bahia (Juazeiro, Jeremoabo, Euclides da Cunha, Barra, Irecê, Jacobina, Barreiras, Alagoinhas, Seabra, Itaberaba, Santo Amaro, Santana, Valença, Jequié, Caetité, Carinhanha, Vitória da Conquista, Ilhéus, Itapetinga, Santa Cruz de Cabrália e Caravelas), num total de 84 informantes, e propõe-se a analisar as respostas dadas à pergunta 124 do questionário semântico-lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), referentes ao campo semântico ciclos da vida, como se ilustra com a transcrição da resposta do Inf. 1, de Carinhanha:

> INQ. – A gente chama a parteira por que a mulher tá pra...?
>
> INF. – Ganhar menino.
>
> INQ. – Mais alguma coisa? Algum nome que o pessoal usa aqui?
>
> INF. – Pá descansar.
>
> (INQ. 097-01-Carinhanha)

3. Perspectiva teórica

A língua é reflexo da cultura de uma sociedade. E, neste entendimento, estudar um repertório lexical de uma língua permite conhecer o modo de viver e de pensar das pessoas que a utilizam, além de propiciar subsídios para a identificação de influências interétnicas incorporadas pelo seu acervo lexical. Sendo assim, contatos entre diversos povos, a exemplo dos africanos e indígenas, podem refletir-se na língua em uso. Celina Márcia de Souza Abbade (2011, p. 1332) comunga com esta afirmação ao admitir que:

> Língua e cultura são indissociáveis. A língua de um povo é um de seus mais fortes retratos culturais. Essa língua é organizada por palavras que se organizam em frases para formar o discurso. Cada palavra selecionada nesse processo acusa as características sociais, econômicas, etárias, culturais [...] de quem a profere. Partindo dessa premissa, estudar o léxico de uma língua é abrir possibilidades de conhecer a história social do povo que a utiliza.

O léxico de cada língua é um acervo rico e dinâmico que inclui a totalidade das palavras como as preposições, conjunções e interjeições, bem como os neologismos, regionalismos, envolvendo terminologias e gírias, além de expressões idiomáticas e palavrões. (OLIVEIRA, 2014)

Esta variedade permitida pela própria dinamicidade da língua é objeto de estudo da dialetologia, que assume como dever principal a identificação, seja pela presença ou pela ausência, dos fatos linguísticos característicos de uma dada área, não se comprometendo a explorar as suas possíveis motivações ou consequências, fornecendo caminhos para outros estudos, uma vez que como ciência da variação espacial, tem por foco os fatores diatópicos, ainda que não deixe de estar atenta às repercussões dos dados socioculturais nos usos linguísticos. Seguindo este raciocínio, Suzana Alice Marcelino Cardoso (2002, p. 1) afirma que:

> A dialetologia apresenta-se, no curso da história, como uma disciplina que assume por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica.

Dessa forma, a dialetologia é, então, a ciência que tem interesse em estudar os vocábulos usados por falantes de determinado espaço geográfico, a fim de perceber convergências e divergências, reconhecendo assim diferentes áreas dialetais.

4. Análise dos dados

O Projeto ALiB – Atlas Linguístico do Brasil – conta com uma rede de pontos constituída por 250 localidades distribuídas por todo o território nacional. No entanto, o presente estudo contempla apenas 21 das cidades brasileiras, especificamente o interior da Bahia.

Os dados foram obtidos através de inquéritos realizados com informantes selecionados, segundo critérios pré-determinados, como: diatópicos – nascidos e criados nas localidades em estudo, não podendo ter passado mais de um terço da vida em outra localidade, e com pais naturais da região em questão; diageracionais – duas faixas etárias (18 a 30 anos e 50 a 65 anos); diassexual – homem e mulher; e diastrática – ensino fundamental e superior.

Este sucinto trabalho, particularmente, analisa as respostas dadas à questão 124 do questionário semântico-lexical "Chama-se a *parteira* (cf. *item* 123) quando a mulher está para ____?", nas localidades do interior da Bahia, e no que se refere à variação semântico-lexical, no tocante ao aspecto espacial, a análise foi feita a partir da verificação da ocorrência da variação linguística pela dimensão diatópica identificando se há variação predominante em localidades específicas do interior da Bahia.

Para a pergunta realizada nas 21 (vinte e uma) cidades foram registradas as respostas que resultaram 10 (dez) variantes lexicais: *ganhar neném, parir, dar à luz, ter menino, descansar, ter criança, ter filho, incomodada, ganhar bebê* e *com sinal das dores*.

Abaixo apresentamos a produtividade destas lexias:

VARIANTES	OCORRÊNCIAS	%
Ganhar neném	45	36 %
Parir	40	32%
Dar à luz	15	12%
Ter menino	9	7%
Descansar	6	5%
Ter criança	5	4%
Ter filho	4	3%
Incomodada	3	2%
Ganhar bebê	2	1,6%
Com sinal das dores	1	0,8%

Quadro 1: Produtividade das lexias.

Como é possível verificar na tabela acima, registramos como variantes mais recorrentes: *ganhar neném* com 45 ocorrências (36%), *parir* com 40 ocorrências (32%) e *dar à luz* com 15 ocorrências (12%). Em uma análise diatópica dessas variantes, constatamos que a unidade lexical *ganhar neném* está presente em dezoito pontos de inquéritos, aparecendo na fala dos informantes nos municípios de Juazeiro, Jeremoabo, Euclides da Cunha, Barra, Irecê, Jacobina, Barreiras, Alagoinhas, Seabra, Itaberaba, Santana, Jequié, Carinhanha, Vitória da Conquista, Ilhéus, Itapetinga, Santa Cruz de Cabrália e Caravela. O termo *parir* ocorre em todos os pontos, ainda que realizado por um número menor de informantes. Por último, observamos que o termo *dar à luz* ocorre somente em alguns pontos, não ocorrendo em Barra, Irecê, Jacobina, Barreiras, Itaberaba, Santo Amaro, Santana, Jequié, Carinhanha, Santa Cruz de Cabrália e Caravelas.

A distribuição das lexias por mesorregiões ilustra a verificação supracitada (Veja Quadro 2).

A partir do quadro acerca da distribuição das variantes e seus respectivos pontos de ocorrência, é possível afirmar que diante do baixo índice de realização das lexias e da pequena divergência entre as localidades, não há interferência geográfica para a escolha das respostas, uma vez que as variantes se encontram em diferentes mesorregiões da Bahia, dispersas por toda rede de pontos. Ainda que o vocábulo *incomodada* só

apareça no centro sul baiano, o que pode ser um indicativo de influência regional.

No entanto, constatamos como variantes menos recorrentes os seguintes vocábulos: *ganhar bebê* e *com sinal das dores*.

	MESORREGIÕES DA BAHIA						
VARIANTES	***Metropolitana de Salvador*** ***(Santo Amaro)***	***Nordeste Baiano*** ***(Alagoinhas, Euclides da Cunha e Jeremoabo)***	***Centro- - Norte Baiano (Itaberaba, Irecê e Jacobina)***	***Sul Baiano*** ***(Ilhéus, Valença, Santa Cruz de Cabrália e Caravelas)***	***Centro-Sul Baiano*** ***(Itapetinga, Seabra, Jequié Vitória da Conquista Caetité)***	***Vale São- - Franciscano da Bahia*** ***(Juazeiro, Barra e Carinhanha)***	***Extremo Oeste Baiano*** ***(Barreiras e Santana)***
Ganhar neném	x	x	x	x	x	x	x
Parir	x	x	x	x	x	x	x
Dar à luz	-	x	-	x	x	x	-
Ter menino	-	x	x	-	x	x	
Descansar	-	-	x	-	-	x	x
Ter criança	x	x	-	x	-	-	-
Ter filho	-	-	x	x	-	x	-
Incomodada	-	-	-	-	x	-	-
Ganhar bebê	-	-	x	-	-	-	-
Com sinal das dores	-	-	-	x	-	-	-

Quadro 2: Distribuição das lexias por mesorregiões.

5. O que apresentam os dicionários

Examinamos, ainda, o *Dicionários da Língua Portuguesa Michaellis* (2009), Francisco J. Aulete e Antonio Lopes dos Santos Valente (2006) e Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1999), a fim de verificar como estes termos estão registrados. Para a leitura do quadro de dicionarização deve-se considerar: D (dicionarizado), DOS (dicionarizado com outro significado) e ND (não dicionarizado).

Observamos que as combinações lexicais *ganhar neném*, *ter menino*, *ter criança*, *ter filho*, ganhar bebê e com sinal das dores não foram dicionarizadas, e que descansar e incomodada encontram -se com outro significado. (Veja Quadro 3)

	Dicionários Consultados		
Denominações	***Michaellis (2009)***	***Aulete (2006)***	***Ferreira (1999)***
Ganhar neném	ND	ND	ND
Parir	D	D	D
Dar à luz	D	D	D
Ter menino	ND	ND	ND
Descansar	DOS	DOS	DOS
Ter criança	ND	ND	ND
Ter filho	ND	ND	ND
Incomodada	DOS	DOS	DOS
Ganhar bebê	ND	ND	ND
Com sinal das dores	ND	ND	ND

Quadro 3: Resultado das consultas aos dicionários.

6. Considerações finais

A partir dos resultados apresentados, é possível estabelecer algumas considerações: as variantes estão bem distribuídas e não há uma influência de caráter geográfico. No tocante às escolhas lexicais para responder as questões em estudo, as combinações lexicais, também chamadas de unidades fraseológicas, como em *ganhar neném e ter menino* aparecem de forma bastante significativa.

Um registro que nos chama a atenção é a presença das variantes *descansar* e *incomodada* para referir-se a *dar à luz,* uma vez que o par de palavras escolhidas fazem oposição semântica, conforme registro nos dicionários: *Incomodada* é aquela que se encontra ligeiramente doente; adoentada, indisposta e uma das acepções de *descansar* é livrar-se do que incomoda.

Embora este breve trabalho não possa estabelecer considerações precisas e definitivas acerca das realizações de cada grupo de informantes considerados, estabelecendo uma pormenorização com exatidão no que se refere às variáveis aqui analisadas, funciona como estudo piloto, fornecendo subsídios para futuras análises, de uma maneira mais aprofundada. Contudo, há de se considerar que mesmo essa visão panorâmica reforça a visão da realidade do português do Brasil, sujeita às especificidades das variáveis sociais e de outros contextos históricos das comunidades dos falantes em observação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULETE, Francisco J.; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. *Aulete digital:* dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon, 2006. Disponível em: <http://www.auletedigital.com.br>. Acesso em: 04-08-2017.

ABBADE, Celina Márcia de Souza. Lexicologia social: a lexemática e a teoria dos campos lexicais. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; SEABRA, Maria Cândida. (Orgs.). *As ciências do léxico*, vol. 6. 1. ed. Campo Grande: UFMS, 2012, p. 141-161.

_____. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. *Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia.* Rio de Janeiro: CiFEFiL: Cadernos do CNLF, 2011, p. 1332. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_2/105.pdf>.

BENKE, Vanessa Cristina Martins. *Tabus linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geolinguísticos.* 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens). – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? *Revista do GELNE*, vol. 4, n. 2, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9088/6442>.

_____. *O Projeto ALiB e sua trajetória*. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). *Documentos 2*: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 27-34.

_____. *Geolinguística*: tradição e modernidade**.** São Paulo: Parábola, 2010.

_____. O atlas linguístico do Brasil: uma visão crítica dos caminhos seguidos e perseguidos. Comunicação apresentada no II Congresso Internacional de Linguística Histórica, Universidade de São Paulo, São Paulo, fev. 2012.

COMITÊ Nacional do Projeto ALiB. *Atlas linguístico do Brasil*: questionário 2001. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI*: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Totalmente revisto e ampliado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: MARIN, Jérri Roberto; VASCONCELOS, Cláudio Alves de. (Orgs.). *História, região e identidade*. Campo Grande: UFMS, 2003.

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires. ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). *As ciências do léxico*: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.

OLIVEIRA, Genivaldo da Conceição. O léxico nosso de cada dia em duas capitais do Brasil: Salvador e Curitiba. In: MELO, Sílvia Mara; ARAÚJO, Marcelo Marques. (Orgs.). *O léxico nosso de cada dia em duas capitais do Brasil*: Salvador e Curitiba. 1. ed. Jundiaí: Paco, 2014, p. 40-83.

PAIM, Marcela Moura Torres. O sutiã na Bahia: um estudo em dois tempos diferentes. *Signum*: *Estudos de Linguagem*. Londrina: UEL, vol. 15, p. 267-280, 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/download/11353/11185>.